

O campo léxico dos *animais* em cartas ao Barão de Jeremoabo: uma análise lexicológica

The lexical field of *animals* in letters to Jeremoabo Baron: a lexicological analysis

Eliane Santos Leite da Silva*
Celina Márcia de Souza Abbade**

RESUMO: Pretende-se discutir, através desse trabalho, resultados da análise realizada em cartas pessoais manuscritas, datadas entre 1890 e 1903, enviadas ao barão de Jeremoabo, o Dr. Cícero Dantas Martins (e que compõem o seu acervo pessoal, cujos originais são mantidos em regime de comodato na Fundação Clemente Mariani), por parentes, amigos e/ou correligionários. Através da referida pesquisa, foi possível realizar o levantamento de parte do vocabulário utilizado nas cartas, a partir dos fundamentos teórico-metodológicos da Lexicologia, considerando principalmente a teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu (1967; 1979; 1981), ao analisar o campo léxico do *trabalho* e seus microcampos. Para a discussão no presente artigo, o recorte feito nos resultados contemplou o campo dos *animais*, a fim de realizar a análise sêmica do microcampo *animais explorados no trabalho do campo*, através do levantamento dos traços opositivos de cada unidade lexical, de acordo com a proposta da Lexemática coseriana. Nesse sentido, foi possível proceder à identificação dos usos lexicais enquanto caracterizadores de uma comunidade específica.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas pessoais. Campo léxico. Semântica lexical. Lexemática.

ABSTRACT: We intend to discuss, through this work, analysis results on handwritten personal letters, dated between 1890 and 1903 sent to Jeremoabo Baron, Dr. Cicero Martins (and that make up your personal collection, whose originals are kept in lending regime in Clemente Mariani Foundation), by relatives, friends and / or co-religionists. Through this research, it was possible to survey part of the vocabulary used in the letters, from the theoretical and methodological foundations of Lexicology, especially considering the theory of lexical fields proposed by Eugenio Coseriu (1967; 1979; 1981), when analyzing the lexical field of *labor* and its micro fields. For the discussion in this article, the cut made on the results contemplated *animal* field in order to carry out the semic analysis of micro field *animals exploited in the work of the field*, through the lifting of the oppositional traits of each lexical unit, according to the proposal the lexematic of the Coseriu. In this sense, it was possible to identify the lexical while characterizing use of a specific community.

KEYWORDS: Personal letters. Lexicon field. Lexical Semantics. Lexematic.

1. Introdução

Para fins de análise no presente texto, objetivou-se analisar, sob o enfoque dos estudos lexicais, o vocabulário de vinte e quatro (24) cartas pessoais, datadas entre 1890 e 1903,

* Mestra em Estudos de Linguagem – UNEB; Docente do IFBAIANO.

** Doutora em Letras – UFBA; Docente da UNEB.

enviadas ao barão de Jeremoabo, o Dr. Cícero Dantas Martins, por sertanejos que desenvolviam atividades comerciais com o barão, mais especificamente, vaqueiros e negociantes de couro e de gado¹. O levantamento do vocabulário utilizado nas cartas fundamentou-se no aporte teórico-metodológico da Lexicologia, mais especificamente, na *teoria dos campos lexicais*, de Eugênio Coseriu (1967; 1979; 1981).

Para fins de discussão no presente trabalho, realizou-se a análise sêmica dos lexemas do campo *animais explorados no trabalho do campo*, através do levantamento dos traços que compõem as unidades lexicais do referido campo.

O presente texto, nesse sentido, foi organizado nos seguintes subtópicos: *Relação trabalho, cultura e léxico: os trabalhadores-escritores em Jeremoabo*, no qual traçou-se um breve panorama a respeito do sistema de trabalho comumente desenvolvido no Sertão baiano, focalizando as profissões dos vaqueiros e dos negociantes, e sua relação de dependência para com o barão, delimitando a discussão sobre o trabalho dos remetentes a partir, principalmente, do que pode ser lido e percebido em suas próprias escritas; o segundo, intitulado *Pressupostos teóricos: a Lexemática coseriana*, em que discutiu-se o referencial teórico-metodológico então adotado, focalizando a abordagem dos estudos do campo léxico de cunho estrutural propostos principalmente por Coseriu (1967; 1979; 1981). A fim de subsidiar os estudos lexicológicos, foram também considerados os trabalhos de Geckeler (1976), Vilela (1995), Baldinger (1970), Abbade (2009). Por fim, o subtópico *Análise sêmica do microcampo dos animais* concentrou-se na exposição dos resultados encontrados, através da organização do vocabulário das cartas no microcampo léxico específico dos *animais*, trazendo os lexemas seguidos de suas significações e ocorrências no texto².

2. Relação trabalho, cultura e léxico: os trabalhadores-escritores em Jeremoabo

Dentre as atividades sócio-econômicas que mais se destacaram no Nordeste da Bahia em fins do século XIX estão: a produção açucareira, no Recôncavo, e a produção pecuária, em especial, a criação de gado, no Sertão. Esta será aqui focalizada a fim de melhor compreender

¹ Os documentos que compõem o *corpus* foram editados pela Prof^a Zenaide Carneiro quando da sua tese de doutoramento intitulada “*Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo linguístico-filológico*”. Os originais dos documentos compõem o *Fundo Barão de Jeremoabo* e estão acondicionados na Fundação Clemente Mariani (SSA-BA), em regime de comodato.

² A fim de estabelecer os significados dos lexemas foram consultadas as seguintes obras lexicográficas: o *Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo* (1949), o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) e o *Dicionário Zoológico* (1954).

as relações sociais e de trabalho que então se configuravam entre o barão de Jeremoabo e seus remetentes.

Na publicação *O sistema de produção na Bahia sertaneja do século XIX*, Brandão (2007) discute que os fazendeiros comumente utilizavam suas grandes propriedades de terras como moeda de troca, já que seus empregados, trabalhadores das fazendas (os assim chamados: *vaqueiros, roceiros, trabalhador regional, sertanejo*), ali desenvolviam suas atividades laborais, em troca de outros benefícios além do salário, como o usufruto da terra. A respeito dessa forte concentração de poder nas mãos dos fazendeiros, Brandão (2007) defende que a forma de produção atrelada à doação/ usufruto da terra assemelhava-se muito ao modo de produção feudal, diferindo do capitalismo então nascente, já que a produção visava originalmente ao fornecimento de carne e couro, além de animais (principalmente os bois) para o serviço nas lavouras açucareiras do Recôncavo, o que atribui uma importância sem precedentes para o uso do gado como a principal forma de produção e subsistência do próprio sertanejo:

[...] o pouco acúmulo de capital que havia com a venda do gado para os mercados centrais, ficava na mão do fazendeiro e grande coronel de terras [...], estes proprietários que detinham o capital da venda faziam o dinheiro circular em mercados mais prósperos da época (BRANDÃO, 2007, p. 74).

Na dissertação de Nascimento (2008) intitulada *Terra, laço e moirão: relações de trabalho e cultura política na pecuária (Jeremoabo, 1880-1900)*, a autora apresenta a configuração sócio-econômica do Sertão baiano, especificamente da região que aqui nos interessa- Jeremoabo (por ter sido ali o local de nascimento do Barão) -, a partir de uma releitura da visão, segundo ela, romântica de alguns autores sobre a atitude extremamente amistosa, dependente e passiva dos vaqueiros para com os fazendeiros. Em contraposição, sua análise desmitifica tal visão, considerando o vaqueiro como atuante em suas relações trabalhistas. Para desenvolver suas análises, a autora buscou fontes até então não consideradas no âmbito da ciência social como pano de fundo para tais discussões, a saber, inventários *post mortem*, processos criminais, parte da correspondência pessoal do barão de Jeremoabo (mais especificamente as escritas por vaqueiros, assim coincidindo parcialmente com a seleção realizada na presente pesquisa), narrativas em verso e prosa a respeito da bravura do vaqueiro na lida com o gado e entrevistas que aludem ao folclore do boi encantado. Sua proposta foi

justamente “[...] entender os mecanismos de controle social utilizados pelos fazendeiros locais e como os vaqueiros se contrapõem a tal dominação da elite” (NASCIMENTO, 2008, p. 13).

Percebe-se, nesse sentido, que as atividades laborais desenvolvidas pelos vaqueiros não se enquadravam em uma perspectiva de subserviência absoluta à vontade dos fazendeiros, mas que os trabalhadores eram agentes no processo de produção, já que, com o aumento considerável das posses de terras, surgia a necessidade de contar com administradores fiéis nas diversas fazendas (e muitas vezes longínquas, em relação à residência do proprietário), que conhecessem suficientemente a região e suas peculiaridades para a criação do gado, a fim de que o lucrativo negócio da pecuária não sofresse prejuízos.

É, nesse contexto, que se destacam as figuras que, além do vaqueiro, lidavam diretamente com o funcionamento das fazendas: o administrador e o procurador. Nascimento (2008) estabelece algumas distinções principais entre eles, a saber, o **vaqueiro comum**, era quem lidava diretamente com o gado, organizando os rebanhos e deslocando-os quando necessário, realizando todo o serviço relacionado à criação; o **procurador** resolvia questões mais burocráticas, representando o proprietário por meio de uma procuração, como um administrador de assuntos externos; já **administrador** era o mediador nas negociações (compra e venda, contratação de empregados) além de ser responsável pelo pagamento dos funcionários, das partilhas, das ferras dos animais etc.

Após pesquisas mais detalhadas³ a respeito das posses do barão de Jeremoabo, Nascimento (2008) assim resume o perfil sócio-econômico da Jeremoabo da época aqui pesquisada:

[...] a Jeremoabo⁴ que encontramos em finais do século XIX era essa: uma região sob domínio de algumas grandes famílias onde a ascensão ou a simples segurança social dependiam do investimento nas relações pessoais de dependência, fossem elas baseadas na parentela, ou nas alianças sociais interessadas [...]. Também era uma comarca assolada por secas e guerras políticas, com esparsa identidade econômica, na qual seus habitantes tinham de lidar com a necessidade e o prestígio de ter sua própria criação de animais

³ Através de pesquisa às fontes supracitadas, em especial dos inventários, Nascimento chegou a resultados numéricos que confirmam as colocações de Brandão (2007) sobre a relevância do cultivo de gado no final do século XIX; especificamente todos os inventários datados entre os anos 1880 e 1888. Os dados apontam que o *gado vacum* correspondia a 33% dos bens declarados na comarca de Jeremoabo, seguido de bens de raiz (28%), escravos (18%), outros bens (11%) e outros animais (10%).

⁴ Em nota, a autora explica que optou por usar em sua pesquisa a grafia antiga da palavra Jeremoabo. Pela leitura das cartas aqui analisadas, ambas as formas coexistem. A opção feita nessa pesquisa foi pela grafia atual (Jeremoabo).

ao mesmo tempo em que intentavam firmar sua autonomia laboral (NASCIMENTO, 2008, p. 50).

É somente ao perceber a importância social e comercial da criação de gado⁵ para a cultura e vida do Sertão em fins do século XIX, que se capta com mais clareza a intrínseca relação entre o trabalho e a escrita do sertanejo. E, conseqüentemente, como tal escrita revela traços de sua cultura, contribuindo para que se tenha um panorama não somente econômico da época, mas que desvele muito acerca das especificidades de sua vida em comunidade. Por exemplo, a fim de “subjugar” a natureza, o homem sertanejo determinará sua relação com os animais, domesticando-os e organizando as melhores formas de usufruir de suas potencialidades na esfera do trabalho no campo. E quando necessita falar sobre suas atividades cotidianas, especialmente em um gênero textual onde prevalece a personalidade, refletida na interação destinatário-remetente, este geralmente deixa extrapolar os sentidos através dos quais lê o mundo.

É a busca por tais sentidos imbricados na linguagem do sertanejo que tem motivado a realização da presente investigação, pressupondo que a linguagem reflete as motivações sociais e pessoais dos falantes, ao considerar as funções da fala na atividade, conforme aponta Santos (2003, p. 13): “a observação das situações de trabalho revela a diversidade dos usos da fala; esses usos contribuem para mostrar que a linguagem, longe de ser estranha ao trabalho, impregna a sua realização”. Desse ponto de vista, entende-se que a leitura dos sentidos das amostras de língua selecionadas será enriquecida caso se considere o falante /escritor e o contexto de produção das mesmas, no caso aqui específico, a relação do homem com seu trabalho.

Tal perspectiva é interessante quando se propõe um trabalho de análise do léxico devido, especialmente, ao seu caráter multifacetado e inovador, por ser o nível de análise linguística que mais revela traços culturais, tanto na sua utilização repetitiva, quanto nos processos de criação. Novamente cita-se Santos (2003), que entende o léxico como profundo articulador das experiências linguísticas e laborais dos falantes:

[...] o léxico revela o modo como este mesmo grupo interpreta e representa a sua realidade e de como modifica essa mesma realidade, relacionando-se,

⁵ Para maiores esclarecimentos sobre as relações de trabalho no Sertão em fins do século XIX, consultar Silva (2011), especialmente nos tópicos 1.1 e 1.2.

assim, estreitamente com o percurso histórico dos grupos humanos que o empregam (SANTOS, 2003, p. 14).

Nesse sentido, a depender dos contextos em que sejam usadas, as palavras se revestirão de sentidos diferentes, representando linguisticamente os falantes e permitindo o surgimento de vocabulários específicos.

3. Pressupostos teóricos: a Lexemática coseriana

Para uma melhor compreensão sobre teoria linguística coseriana é interessante explicitar que sua teoria linguística é fundamentada na visão tripartida da linguagem, incluindo a **norma** nas suas análises de linguagem, além do **sistema** e da **fala**, visto que parte de uma análise crítica da obra saussuriana, no que tange às dicotomias.

Discordando da ideia saussuriana da língua como abstrata, já que, segundo ele, “a língua funciona e se realiza concretamente no falar” (COSERIU, 1979, p. 42), ou seja, na materialidade da atividade linguística, percebe a linguagem não como produto, mas como atividade “livre e finalista, que carrega consigo o seu fim e é a realização do próprio fim, e que, ademais, é idealmente anterior à ‘potência’.” (COSERIU, 1979, p. 43-44), que possibilita a criação de signos. Assim propõe uma abordagem mais concreta dos dados linguísticos a partir do uso, considerando, além das escolhas individuais dos falantes, as motivações sociais que determinam suas escolhas linguísticas. Desse modo, entende como incoerente uma abordagem que desvincule língua de fala, já que são interdependentes enquanto fenômeno linguístico, ou seja, enquanto ocorrência no sistema.

Por sistema, entenda-se um conjunto de estruturas e oposições funcionais no interior da língua. É um conjunto aberto de possibilidades linguísticas criativas e ao mesmo tempo fechado de ocorrências da fala, visto que é cerceado pela norma; esta regula o uso linguístico do falante e é a realização normal, mais natural, do sistema, por meio da fala, que “(...) representa uma seleção dentro das possibilidades de realização admitidas pelo sistema” (COSERIU, 1979, p. 49). A fala, por sua vez, apesar de ser a realização individual do falante, é baseada em modelos observados e absorvidos em (e por) sua comunidade linguística. Assim sendo, a norma tem uma função mais descritiva do que prescritiva no sistema linguístico:

Os modos linguísticos que se comprovam no falar concreto manifestam o ‘saber linguístico’ dos falantes. Para cada falante a língua é um *saber falar*, saber *como se fala* numa determinada comunidade e segundo uma

determinada comunidade e segundo uma tradição. Sobre a base desse saber, o falante cria sua expressão, que, enquanto coincide com as de outros falantes ou é adotada por eles, integra (ou chega a integrar) a língua comprovada no falar. Neste sentido, todo falante é criador de língua ‘para outros’. Mas o falante não cria senão excepcionalmente os seus próprios modelos: o saber linguístico adquire-o continuamente de outros falantes (COSERIU, p. 1979, p.51-52. Grifos do autor).

No artigo *Sistema, norma y habla*, da obra *Teoría del lenguaje y lingüística general* (1967), Coseriu discute mais longamente sua perspectiva tripartida da linguagem e sugere caminhos para a aplicação de tal proposta, especialmente no que tange aos estudos lexicais⁶. No texto *Principios de semântica estructural* (1981), Coseriu estabelece com mais clareza as diretrizes de sua abordagem do léxico em uma perspectiva estrutural. Explicita que limitar-se-á à **função léxica**, que, segundo ele, seria “anterior do ponto de vista lógico, no sentido de que é o *determinatum* das funções categoriais e gramaticais.” (COSERIU, 1981, p. 88).

Como busca chegar a uma descrição sistemática do léxico, propõe que não convém considerar para cada palavra o que poderia ser importante, mas sim o que não pode faltar: a função de base sem a qual o léxico não seria tal. Assim, pretende estabelecer a base e o marco da descrição do léxico enquanto domínio da língua, a partir da opção pelas chamadas línguas funcionais, em contraste com as línguas históricas. Segundo Coseriu (1981), **língua histórica** corresponde a um conjunto de sistemas que coexistem entre si, ao mesmo tempo em que mantém sua particularidade, ao estabelecerem homogeneidade no seu funcionamento: “Una lengua histórica no es nunca *un* solo sistema lingüístico, sino un diasistema: un conjunto de sistemas lingüísticos, entre los que hay a cada paso coexistência e interferencia.” (COSERIU, 1981, p. 119). Discute também as diferenças de ordem diatópicas, diastráticas e diafásicas que são recorrentes na língua histórica e que, por isso mesmo, caracterizam a **língua funcional**, que por sua vez seria a realização de cada um desses sistemas com suas peculiaridades. Nesse sentido, defende que o estudo estrutural deve especificar justamente que língua funcional analisará, delimitando-a e caracterizando-a a fim de evitar generalizações ilógicas na língua. Grosso modo, pode-se estabelecer a seguinte analogia a partir desses conceitos: a língua

⁶ Coseriu considera a metodologia lexicográfica como insuficiente, visto que este promove o isolamento das palavras em sua organização, não permitindo uma perspectiva de análise sistemática, pois acaba listando os itens lexicais por ordem alfabética, sem expressar a sua profunda interdependência. Ao propor a abordagem do léxico como associado ao sistema, considera-o como motivador para uma classificação conceitual do mundo, e também associado à norma, já que esta é a realização natural do sistema. Sob essa perspectiva, é possível retomar a ideia já apresentada, da linguagem como atividade criadora, englobando os aspectos individual e social na análise, especialmente no estudo do léxico, por ser onde melhor se pode perceber tais nuances criativas.

histórica seria uma abstração das várias línguas funcionais concretas em suas realizações. Já que a língua funcional nunca representará a totalidade de uma língua, mas sim uma amostragem da mesma, cabe, em uma descrição estrutural, a caracterização o mais detalhada possível a respeito da mostra de língua disponível.

Após a discussão sobre as especificidades do que, segundo ele, deve ser priorizado no estudo lexical, Coseriu (1981), no texto *Introducción al estudio estructural del léxico*, passa a discussão sobre o campo léxico. Um campo léxico é entendido como um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor do campo), que esses lexemas subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico (traços distintivos lexemáticos - semas). Um campo está representado muitas vezes por uma palavra arquilexemática⁷ correspondente ao seu valor unitário, mas este não é necessário para que o campo exista como tal. Entre os campos geralmente há interferências, pois não representam uma classificação homogênea e estanque. Os mesmos são o contrário dos campos associativos (que são centrífugos em relação com a palavra).

Em resumo, o campo léxico é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que repartem uma zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras. Pode-se dizer também que se constitui pelo termo presente em um ponto determinado da cadeia falada e os termos que sua presença exclui de maneira imediata. Tal proposta se enquadra justamente na percepção dos traços distintivos entre os lexemas que compõem cada campo léxico.

Assim, a estruturação coseriana do léxico parte de oposições imediatas entre lexemas e busca identificar os traços distintivos que os opõem a fim de estabelecer o campo léxico de forma gradual, através de novas oposições entre os lexemas já considerados e outros que sejam novos para o campo. Em cada etapa da análise haverá, por um lado, traços distintivos mínimos já identificados e, por outro, um valor comum aos lexemas considerados, valor que poderá ser analisado, por sua vez, em traços distintivos mínimos e em um valor comum mais reduzido, sobre a base de outras oposições.

⁷ Cabe aqui a exposição sucinta de alguns conceitos: *lexemas*- unidade de conteúdo léxico expressa no sistema linguístico; *semas*- traços distintivos que constituem os lexemas; *arquilexemas*- neutralizações gerais que permeiam o campo; unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo (COSERIU, 1981).

4. Análise sêmica do microcampo dos animais

A análise sêmica tem por objetivo estabelecer a composição semântica das unidades lexicais através do levantamento dos semas (traços distintivos que compõem um lexema) percebidos nos signos da língua funcional analisada, a fim de possibilitar a descrição de sua estrutura interna.

O presente campo, no levantamento realizado, contou o número de treze (13) lexemas, a saber, *rez, cria, criação, rebanho, gado, boi, touro de costa, zebu, vaca, novilha, biserró, cavallo, burro*. A fim de proceder à análise, além de considerar os contextos de ocorrência de cada lexema (optou-se por transcrever todas as ocorrências de cada um nos textos), recorreu-se também às definições lexicográficas, contidas em dois dicionários do século XVIII (BLUTEAU, 1728; SILVA, 1789) e dois do século XX (FIGUEIREDO, 1949; AULETE, 1980).

Os lexemas são apresentados com a análise sêmica correspondente ao campo dos animais, tendo por arquissemema *animal explorado no trabalho do campo*. Optou-se aqui por explicitar os semas de cada lexema, e ao final apresentar a tabela na qual a presença dos mesmos é indicada pelo sinal positivo (+) e a sua ausência com sinal opositivo (-).

Acredita-se, nesse sentido, que o levantamento dos traços sêmicos permitirá a elucidação das especificidades dos sentidos de cada lexema dentro de seu contexto próprio. A título de exemplificação, tem-se os lexemas **rez - criação - cria - rebanho**, entre as quais se percebe uma ampliação do sentido, em uma espécie de efeito *zoom*. O primeiro lexema funciona como hiperônimo dos demais, já que engloba quaisquer tipos de palavras que se refiram a animais a serem ajuntados para produção na lavoura, as demais apresentam especificidades quanto ao tipo e ao objetivo desses ajuntamentos. Os lexemas **touro de costa** e **zebu** também delimitam as características acerca da reprodução e das funções de cada animal no rebanho. Os lexemas **vaca** e **novilha** distinguem-se a partir do critério da idade, sendo que a última, com as mesmas características da primeira diferencia-se por ser mais tenra e ainda não ter tido cria. A mesma relação pode-se observar entre os lexemas **boi** e **bizerro**. Entre os lexemas **cavallo** e **burro** apresentam-se distinções mais acentuadas, no que diz respeito às características biológicas, que determinam sua utilização específica na propriedade, seja para montaria ou para carga.

Segue-se a análise de cada lexema, as definições dicionarizadas, as ocorrências no texto e o levantamento dos traços distintivos que compõem cada lexema.

REZ

O lexema *rez* ocorre três (03) vezes no texto. Na carta de vaqueiro 4 (CV4), aparece com um sentido muito parecido de *forma de contagem dos animais do rebanho*, porém não se limita a esse sentido, pois no *corpus* há a ocorrência do lexema *cabeça*, que assume justamente esse sentido, por conta disso aqui não foi considerada, já que não se referia ao animal específico, mas era uma espécie de atributo que este recebe por fazer parte do rebanho. As acepções dicionarizadas contribuíram para estabelecer mais claramente essa distinção:

Propriamente se diz dos animais que servem de mantimento ordinário ao homem (carneiro, vaca, ovelha, boi). (BLUTEAU, 1728)

Cabeça de gado de qualquer sorte. (SILVA, 1789)

Qualquer quadrúpede usado na alimentação humana. (FIGUEIREDO, 1949)

Qualquer animal quadrúpede dos que se abatem para a alimentação do homem. (AULETE, 1980)

...e verdade que pegou 4 resis gado que por dereicto sagrado pertencia pertencerá aminha mai...(CV4, 1v, L.16).

....pode fugir uma rez, como defato tenho uma vacca que já fui vèlla no jacurisci.... (CV5, 1r, L.18).

...todas as semanas estou oumando ario porque de-omento pode fugir uma rez, iapé nao pos-so seguilla... (CV5, 1v, L.2).

Pode-se afirmar que o conteúdo sêmico constitutivo do lexema se compõe do seguinte traço:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

CRIAÇÃO

O lexema *criação* conta com seis (06) ocorrências, em cartas de negociantes e também de vaqueiros. Nesse caso, a análise do contexto foi determinante para a apreensão dos semas, visto que a acepção que aqui interessa para *criação*, enquanto semelhante à ideia de *rebanho*,

somente é registrada em Figueiredo (1949) e em Aulete (1980). A distinção principal entre tais lexemas é reforçada na definição de Aulete (1980), visto explicitar que a *criação* pode ocorrer em ambiente familiar, não necessariamente para fins comerciais (como no caso de *rebanho*), já que se incluem animais de pequeno porte, para consumo próprio:

O ato de criar, ou dar o ser a coisa, que o não tinha; o sustento que dá aos homens e animais pequenos (SILVA, 1789).

(...) animais domésticos que servem para alimentação do homem (FIGUEIREDO, 1949).

Conjunto de animais domésticos mantidos para abate, venda etc; animais domésticos que se criam para alimento do homem, como coelhos, galinhas etc. (AULETE, 1980).

... a casa honde elle vivi, com uma **criação** de cabra ...- (CV4, 1v, L.6).

...para dar enpelis, de **creação**; por esta circunstancia sabera VossaExcelência que numero de **criações** há retirada do seo rebanho ...-(CV4, 1r, L.20).

... o prejuiso que Vossa Excelência se acha soffrendo na **creação** de gádos, devido a falta de chuvas (CN3, 1r, L.10).

.... para dar agua ao gado ou outra qualquer **criação** (CN10, 1v, L.13).

...assim saberá que numero de suas **criações** há retirado de seo rebanho... (CV4, 1r, L.1)⁸.

Assim o lexema *criação* apresenta os mesmos conteúdos semânticos de *rez*, desta opondo-se apenas por ocorrer em ambiente doméstico, com animais de pequeno porte. Assim se distribuíram os traços sêmicos do presente lexema:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S2- conjunto de animais criados em ambiente da própria casa (quintal)

⁸ Cabem aqui alguns esclarecimentos sobre decisões de cunho metodológico, adotadas para fins de identificação das ocorrências: CN=carta de negociantes; CV= carta de vaqueiro; o número que segue uma dessas siglas indica a ordem em que a carta aparece no *corpus*, que segue a ordem cronológica da escrita; 1r e 1v= indica a posição da folha manuscrita, a saber, “recto” (parte frontal) ou “verso” (verso da página); L= indicação da linha em que ocorre o trecho selecionado.

CRIA

O presente lexema apresenta apenas uma ocorrência, em uma carta de um vaqueiro. Semelhante à noção de *rez*, por também referir-se aos animais do rebanho, apresenta a especificidade do tempo de vida.

Devido à opacidade do contexto de sua ocorrência, a consulta às definições dicionarizadas elucidou melhor a análise aqui proposta, no que tange à idade do animal.

O animal novo que ainda mama (SILVA, 1789).

Animal recém-nascido, que se está criando. Gado vacum (FIGUEIREDO, 1949).

Animal recém-nascido que está no período da criação; filhote recém-nascido; grupo de animais que são criados e mantidos por alguém para aproveitá-los no sustento doméstico ou para comercializá-los (AULETE, 1980).

... *tenho cinco crias do anno de 7 e 8...* (CV5, 2r, L.19).

Seguem-se os traços que compõem o conteúdo semântico do lexema:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S3- animal de tenra idade nascido no rebanho doméstico

REBANHO

O lexema *rebanho* contou com apenas uma ocorrência no *corpus*, em uma carta de vaqueiro, na qual o remetente explica ao barão a situação dos rebanhos e das perdas que ocorreram por conta da seca.

As três primeiras acepções dicionarizadas definem tal lexema delimitando as espécies e as quantidades dos animais, mas o contexto de uso permite uma ampliação do sentido, não sugerindo necessariamente que o rebanho seja composto por ovelhas ou cabras, ou que seja somente a partir de doze unidades.

Não se diz especificamente de qualquer gado, mas só de ovelhas e de dez ou doze pra cima. (BLUTEAU, 1728)

Dez ou doze ovelhas e daí pra cima formam um rebanho. (SILVA, 1789)

Porção de gado lanígero; porção de animais como carneiros, cabras etc, guardados por pastor. (FIGUEIREDO, 1949)

Grupo de animais da mesma espécie, criados e controlados com fins econômicos; o total desses animais numa economia; grupo de animais (ger. quadrúpedes) criados ou em estado selvagem. (AULETE, 1980)

*...por esta circunstancia sabera VossaExcelência que numero de criações há retirada do seo **rebanho** ... (CV4, 1r, L.1)*

Assim, o conteúdo do lexema é composto pelos seguintes semas:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S4- animal (ou conjunto de animais) que fornece(m) materiais para transações comerciais

GADO

Gado foi o lexema que registrou o maior número de ocorrências: dez (10), no total; foi registrada tanto por negociantes quanto por vaqueiros. Ainda que apresente uma semelhança de sentido com o lexema *rebanho*, desta se difere pela funcionalidade do uso dos animais também para a lavoura, enquanto que o *rebanho* era mais usado para a produção, sustento familiar e comercialização. As definições dicionarizadas confirmam essa peculiaridade:

Animais domésticos, que se levam a pastar no campo, e se recolhem em currais; ovelhas, cabras, vacas (BLUTEAU, 1728).

Os animais que se criam para a lavoura, serviço e sustento (SILVA, 1789).

Animais, geralmente criados no campo, para serviço de lavoura, para consumo doméstico ou para fins comerciais (FIGUEIREDO, 1949).

Conjunto dos animais criados no campo para os trabalhos agrícolas e para usos domésticos; conjunto de animais criados em uma propriedade rural (AULETE, 1980).

*Notisças das fazendas vai todo Ruim os **gados** magros... (CV2, 1r, L.13)*

*...os **gados** nas fasendas vão mal de preço... (CV2, 1v, L.5)*

*...enquanto ao Coronel Passo e verdade que pegou 4 resis **gado** que por dereicto sagrado pertencia pertencerá aminha Mai... (CV4, 1v, L.19)*

*Estou aqui deretiro, ios **gados** no rio, até oprezente nada de chuvas... (CV5, 1v, L.8)*

*...desde 15 de junho que ajunto **gado** passando no Curral... (CV6, 1v, L.8)*

*...tem causado o gran-de prejuiso, e sim a péste, prin-cipalmente no **gado**... (CN10, 1r, L.16)*

*...facultei ao Domin-gos Victor para dar agua ao **gado**... (CN10, 1v, L.12)*

*... fui ao velho Borges para ver se o Felis tirava o **gado**.... (CN18, 1r, L.9)*

*...diz o Felis que absolutamente não tira o **gado**... (CN18, 1r, L.12)*

*...quem botasse caxorro no **gado** delle que malava tanto lhe aparecesse de chumbo... (CN18, 1v, L.1)*

Percebem-se, nesse sentido, os seguintes traços sêmicos como componentes do lexema:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S4- animal (ou conjunto de animais) que fornece(m) materiais para transações comerciais

S5- animal (ou conjunto de animais) usado(s) no serviço de aragem da lavoura

BOI

O lexema *boi* ocorre duas (02) vezes em cartas de vaqueiros. De fundamental importância para os serviços no campo, o *boi* representa a possibilidade de produção e fartura do rebanho, o que foi ratificado acepções dicionarizadas. Muitas vezes, além das atividades de aragem, os bois eram usados no serviço de carga. Em épocas de seca, as mortes dos bois causavam desespero nas fazendas (ver a primeira ocorrência), pelos motivos já expostos, daí a preocupação em “mandar purgar alguns **boi**”, ou seja, a precaução em relação ao estado de saúde dos mesmos.

Animal, quadrúpede, cornífero; o touro capado, para engordar e servir no arado; toda casta de gado que tem cornos; que tem arado algum tempo; que puxa pelos carros (BLUTEAU, 1728).

O macho da espécie vacúm (SILVA, 1789).

Espécie de ruminante da família dos bovídeos, destinado a serviços de lavoura e de carga e à alimentação do homem (FIGUEIREDO, 1949).

Quadrúpede, ruminante, bovídeo, utilizado principalmente para os trabalhos do campo ou de carga, e para a alimentação do homem (AULETE, 1980).

...morreu um **boi** crêio que ao tudo 18 cabeças... (CV6, 1r, L.15)

...se Vossa Senhoria mandar purgar alguns **boi** mande 1 coveiro... (CV6, 2r, L.10)

Seguem-se os semas que compõem o lexema *boi*:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S4- animal (ou conjunto de animais) que fornece(m) materiais para transações comerciais

S5- animal (ou conjunto de animais) usado(s) no serviço de aragem da lavoura

S6- animal usado no serviço de carga

S7- animal macho do rebanho vacúm

TORO DE COSTA (exp.)⁹

A única ocorrência do lexema *Toro de costa* no *corpus*, em carta de vaqueiro, é sugestiva, visto que, apesar de não estar dicionarizada, o contexto possibilitou o levantamento de seus semas. Assim sendo, mais do que um tipo específico de rês, o *Toro de costa* é o macho preservado especialmente para a reprodução, por trazer muito mais lucros ao proprietário.

... morreu um boi crêio que ao tudo 18 cabeças, o **Toro de costa** está vivo... (CV6, 1r, L.16)

Assim, os traços que compõem a unidade sêmica *Toro de costa* são:

⁹ Nenhum dos dicionários registra o lexema.

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S4- animal (ou conjunto de animais) que fornece(m) materiais para transações comerciais

S7- animal macho do rebanho vácuo

S8- o principal macho reprodutor do rebanho

ZEBU¹⁰

Ao assumir a função no rebanho, muito parecida com o *Torô de costa*, o *Zebu* apresenta como traço opositivo em relação a este, apenas a informação sobre sua origem, por ser um touro importado de países africanos e da Índia. Recorrer às definições dicionarizadas (principalmente Figueiredo (1949) e Aulete (1980)) foi fundamental para compreender essa especificidade, visto ser comum haver a nomeação dos animais por parte dos vaqueiros, o que poderia confundir o leitor caso tal informação sobre a origem não houvesse sido disponibilizada.

As seis (06) ocorrências do lexema em cartas especificamente de negociantes é um dado interessante sobre a importância deste animal para as transações comerciais, e o prestígio de que gozava como reprodutor da espécie.

Espécie de boi que o estado de Minas importa da Índia, para cruzamento do gado indígena (FIGUEIREDO, 1949).

Espécie de ruminante bovino, próprio da África e da Ásia, que é um boi geralmente corpulento, provido de uma grande bossa ou giba na agulha; gado bovino originário da Ásia que tem uma acentuada corcova ou giba no lombo e uma grande papada (AULETE, 1980).

...Faço seguir no dia 18 os zebús de sua encomenda... (CN8, 1r, L.2)

mandar a estação marítima prevenir ao agente para logo que chegue os zebús providenciar para o embarque de bordo (CN8, 1v, L. 13)

...para não lhe causar transtorno em sua viagem faço seguir com os zebus dirigido ao agente da estação Marítima... (CN8, 1r, L.20)

¹⁰ Silva (1789) não registra a lexia.

Excelentissimo Senhor Barão de Geremoabo Junto o conhecimento dos dous zebús de sua encomenda, já em- barcados em direcção a estação Maritima (CN9, L.3)

...pois ahi che-ga em adiantamento de algumas horas dos zebus... (CN9, L.9)

O zebú branco grande, o preço de um conto de reis, era só para Vossa Excelência. (CN9, L.12)

Assim, o conteúdo sêmico de *Zebu* é formado pelos traços:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S4- animal (ou conjunto de animais) que fornece(m) materiais para transações comerciais

S7- animal macho do rebanho vácum

S8- o principal macho reprodutor do rebanho

S9- touro de origem africana ou asiática

VACA/ VACCA

As cinco (05) ocorrências do lexema *vaca*, especificamente, em cartas de vaqueiros, permitiram uma melhor identificação dos traços, visto que os registros dos dicionários são bastante sucintos, relacionando *vaca* com as acepções de *boi* e *touro*, como se pode perceber abaixo, especialmente, em Figueiredo (1949) e Aulete (1980):

Animal quadrúpede, cornífero, e fêmea do touro (BLUTEAU, 1728).

A fêmea do boi, em idade perfeita de parir (SILVA, 1789).

Fêmea do boi (FIGUEIREDO, 1949).

A fêmea do boi (AULETE, 1980).

... o prejuizo que tevi nesta Fazenda, Com certeza 10 vacas... (CV6, 1r, L.11)

... pode fugir uma rez, como defato tenho uma vacca que já fui vèlla no jacurisci... (CV5, 1r, L.19)

...mas sim por que tenho ainda Deus lovado umas 4vaccas... (CV5, 2r, L.2)

...Com uma só vacca eu mi arrumaria... (CV5, 2r, L.8)

*...mas indo asema-na passada aorio pegar uma das rifiridas **vaccas** emcontreias nesse istado. (CV5, 2r, L.9)*

Assim se constitui o lexema a partir da funcionalidade do animal no trabalho:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S4- animal (ou conjunto de animais) que fornece(m) materiais para transações comerciais

S10- fêmea do touro

NOVILHA

O lexema *novilha* estabelece com o lexema *vaca* uma oposição semelhante à que *cria* estabeleceu com *rez*, já que se trata de um traço opositivo relacionado não só ao tempo de vida do animal, mas também ao fato de este ainda não ter iniciado a procriação. Tanto as três (03) ocorrências do lexema, quanto os registros lexicográficos confirmaram o levantamento dos semas aqui proposto:

Vaca nova; bezerra que ainda não pariu. (BLUTEAU, 1728)

Vaca nova, que ainda não pariu. (SILVA, 1789)

Vaca de pouca idade; qualquer rês fêmea que ainda não deu cria; vaca que completou três anos de idade. (FIGUEIREDO, 1949)

Vaca nova, que ainda não pariu; bezerra, vaca nova; vaca nova, até aproximadamente um ano de idade. (AULETE, 1980)

*Este negocio que lhe afreqüento e independente das 2 **novilhas** que lhe mandei oferecêr aos dias passados, dos quaes ainda não tive resposta até o prezente ... (CV5, 2r, L.11)*

*...cuja **novilha** (aminha) fui vendella ao Sr. Rajmundo, esse tratou di compralla, ou para Vossa Excelentissima ou para elle... (CV5, 2r, L.13)*

*...morreu uma **novilha** de 6., IB na noite de 8... (CV6, 1r, L.13)*

O lexema é, portanto, composto pelos seguintes traços:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S4- animal (ou conjunto de animais) que fornece(m) materiais para transações comerciais

S10- fêmea do touro

S11- rês fêmea ainda em tenra idade

S12- vaca que ainda não iniciou a procriação

BISERRO

A única ocorrência do lexema *biserro* possibilitou uma aproximação de sentido com *boi*, já que trata-se de um animal com as características do segundo, porém em tenra idade mas que ainda é amamentado. Os registros lexicográficos confirmaram o levantamento aqui proposto:

O filho da vaca. (BLUTEAU, 1728)

O boizinho criança ou que não tem mais de um ano; o novilho desmamado. (SILVA, 1789)

Vitelo, novilho. (FIGUEIREDO, 1949)

A cria masculina da vaca, até um ano de idade; o novilho desmamado. (AULETE, 1980)

...o Toro de costa está vivo já tirando (...) um **Biserro**... (CV6, 1r, L.17)

Eis os semas que compõem a unidade lexical *biserro*:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S4- animal (ou conjunto de animais) que fornece(m) materiais para transações comerciais

S13- cria macho do rebanho

S14- boi que ainda não iniciou a procriação

CAVALLO

O lexema *cavallo* contou com seis ocorrências, tanto em cartas de vaqueiros quanto de negociantes, o que revela a importância vital deste animal na realização das diversas tarefas no campo. A própria definição de Bluteau (1728), tão carregada de personalidade, ao adjetivá-lo como “nobre” e “fiel”, aponta para essa relação. Na maioria das representações, sejam elas

literárias ou imagéticas sobre a figura do vaqueiro, há o aparecimento do mesmo montado em seu cavalo, com os trajes típicos de couro, com chapéu e em atividade com o gado.

Assim, mais do que um dos *animais explorados no trabalho do campo*, o cavalo possibilitava a realização da atividade da vaqueiragem com muito mais eficácia, já que o cuidador dos animais deveria, literalmente, seguir muitas vezes no encalço daqueles que se distanciavam das propriedades, ou que deveriam ser transportados entre fazendas distantes.

Percebeu-se, na consulta aos dicionários, uma mescla de critérios para o estabelecimento do sentido; aqui, optou-se por realizar o levantamento sêmico priorizando o aspecto da funcionalidade, em detrimento da descrição física ou constituição biológica do animal.

Animal quadrúpede, nobre, fiel e generoso, cuja propriedade natural é rinchar, e cuja finalidade é tão notória, como tão notáveis os serviços que faz ao homem na caça, nas festas, nas jornadas e em todas as coisas domésticas que necessitarão da sua força e destreza para levar e trazer coisas de lugares distantes (BLUTEAU, 1728).

Quadrúpede doméstico, que rincha, serve de montar e carregar (SILVA, 1789).

Quadrúpede doméstico, solípede (FIGUEIREDO, 1949).

Grande mamífero herbívoro da família dos equídeos, de cascos resistentes, domesticado pelo homem; usado como animal para montaria e tração (AULETE, 1980).

*...mandeme por elle um animal, não queria nem quero meo **cavallo** no cazode estar bom... (CV5, 1r, L.14)*

*...sem um burro emprestado enquanto chove que o **cavallo** possa vir... (CV5, 1r, L.15)*

*Não vi o **cavallo** do Jose Neves porque está em Simão Dias... (CN18, 2r, L.8)*

*...remetolhe o**cavallo** que vim montado... (CV5, 1r, L.9)*

*Eu tenho feito todos os meios dever seme iscapassem essas 4 rezinhas e 2-**cavallos**... (CV 5, 2v, L.14)*

*Visto ao **cavallo** que Vossa Excelência accu-sa o presente foi do seu afilhado... (CN15, 2v, L.6)*

Assim, estes são os semas que constituem o lexema *cavallo*:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S15- animal que serve para montaria

S16- animal que serve para tração

BURRO

A única ocorrência do lexema *burro* se dá em carta escrita por vaqueiro e oferece informações relevantes acerca da função deste animal no campo. Especialmente usado para serviço de carga, em determinadas situações, por ser financeiramente mais acessível do que o *cavallo*, este o substituíam na realização de algumas tarefas, tal como se pode perceber na ocorrência em destaque, através do pedido do vaqueiro por um *burro* para que possa agilizar seu trabalho, até que o “cavallo possa vir”.

Novamente, as acepções oferecidas pelos dicionários mesclaram critérios para estabelecer a definição do lexema; porém, no presente levantamento dos semas, novamente optou-se por priorizar o critério da funcionalidade.

Animal quadrúpede, doméstico (BLUTEAU, 1728).

Jumento (SILVA, 1789).

Quadrúpede do mesmo gênero que o cavalo, mas menos corpulento e com as orelhas mais compridas e crina curta. Jumento (FIGUEIREDO, 1949).

Quadrúpede solípede, do mesmo gênero que o cavalo, do qual principalmente se distingue, por ser menor, ter as orelhas muito grandes, um tope de pelos compridos na extremidade da cauda, e a crina curta; usado como animal de tração e carga (AULETE, 1980).

*...mandeme por elle um animal, não queria nem quero meo cavallo no cazode estar bom, sem um **burro** emprestado enquanto chove que o Cavallo possa vir... (CV5, L15.)*

Seguem os semas que compõem a unidade léxica *burro*:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S6- animal usado no serviço de carga

S16- animal que serve para tração

Após a análise sêmica do campo *animais explorados no trabalho do campo*, apresentam-se cada sema e a tabela demonstrativa dos traços por lexemas:

SEMAS:

S1- animal (ou conjunto de animais) ruminante(s) explorado(s) no trabalho do campo, objetivando procriação e fornecimento de alimentos como carne, além do couro etc.

S2- conjunto de animais criados em ambiente da própria casa (quintal)

S3- animal de tenra idade nascido no rebanho doméstico

S4- animal (ou conjunto de animais) que fornece(m) materiais para transações comerciais

S5- animal (ou conjunto de animais) usado(s) no serviço de aragem da lavoura

S6- animal usado no serviço de carga

S7- animal macho do rebanho vácuo

S8- o principal macho reprodutor do rebanho

S9- touro de origem africana ou asiática

S10- fêmea do touro

S11- rês fêmea ainda em tenra idade

S12- vaca que ainda não iniciou a procriação

S13- cria macho do rebanho

S14- boi que ainda não iniciou a procriação

S15- animal que serve para montaria

S16- animal que serve para tração

Quadro 1. Análise sêmica do campo animais explorados no trabalho do campo

Lexemas / Semas	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	S10	S11	S12	S13	S14	S15	S16
REZ	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CRIAÇÃO	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CRIA	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
REBANHO	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
GADO	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BOI	+	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TORO DE COSTA	+	-	-	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-
ZEBU	+	-	-	+	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
VACA	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
NOVILHA	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-
BIZERRO	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-
CAVALLO	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+
BURRO	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+

5. Considerações finais

Buscou-se, com este artigo, apresentar uma discussão dos dados linguísticos que constituíram o campo léxico dos *animais explorados no campo*. Tal levantamento possibilitou uma reflexão acerca dos critérios priorizados no estabelecimento dos semas, já que mais do que o elencar de definições dos dicionários, é imprescindível posicionar-se criticamente a respeito das possibilidades de explicitação dos sentidos das unidades léxicas.

Ainda que muitos dos significados aqui apresentados estejam em uso na língua e cultura sertanejas, é relevante a realização de tais levantamentos a fim de que os sentidos sejam registrados, para fins de preservação do patrimônio linguístico da Bahia, já que a intensa dinamicidade lexical poderá, no futuro, ocasionar a perda de alguns dos lexemas, caso não sejam documentados.

Os textos originais das cartas escritas ao barão de Jeremoabo, enquanto parte do patrimônio cultural baiano, estão disponíveis *online* no *site* da Fundação Clemente Mariani para que outros tantos olhares investigativos sejam sobre desenvolvidos, a fim de enriquecer ainda mais as possibilidades de estudo léxicos e semânticos. A incursão investigativa realizada nos referidos textos possibilitou o desvendar de elementos sócio-comunicativos-culturais então presentes na escrita sertaneja baiana, por meio de textos pertencentes a um domínio restrito da correspondência pessoal, mas que apontaram para usos linguísticos que podem contribuir com

uma leitura mais profícua sobre a história da língua portuguesa, em suas especificidades regionais e locais do Sertão baiano.

Referências Bibliográficas

AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1728. 8 v.

BRANDÃO, M. S. O sistema de produção na Bahia sertaneja do século XIX: uma economia de relações não-capitalistas. **Campo-Território**: revista de geografia agrária, v.2, n.4, p. 62-81, ago. 2007.

CEDIC (Centro de Documentação e Informação Cultural sobre a Bahia) - Fundação Clemente Mariani: <http://www.fcmariani.org.br/>.

COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**: cinco estudios. 2 ed. Madrid: Gredos, 1967.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca, Mário Ferreira. Rio de Janeiro: PRESENÇA- Editora da Universidade de São Paulo, 1979

COSERIU, E. **Princípios de semântica estrutural**. 2 ed. Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1981.

FIGUEIREDO, C. de. **Dicionário da língua portuguesa**. 14 ed. Editora Mérito: Rio de Janeiro, 1949. 2v.

GECKELER, H. **Semántica estructural y teoría del campo léxico**. Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández. Ver. rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1976.

NASCIMENTO, J. M. de **Terra, laço e moirão**: relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880-1900). 185f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas. 2008.

SANTOS, D. G. D. Modos de fazer e modos de dizer: reflexões sobre linguagem e trabalho. In: **Sitientibus**, Feira de Santana, n.29, p. 9-27, jul./dez. 2003.

SILVA, A. M. **Diccionario da lingua portugueza** - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789.

SILVA, E. S. L. da. **O campo léxico do trabalho em cartas de vaqueiros e negociantes ao Barão de Jeremoabo**. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2011.

Artigo recebido em: 29.09.2015

Artigo aprovado em: 18.12.2015

Revista GTLex